

# Apresentação

Marcos Aurélio Fernandes •  
Renato Kirchner \*\*

O pensamento, em que se funda a filosofia, e a religiosidade, de que a religião recebe o seu vigor ontológico, podem ser tomados como modulações diversas da vida. A filosofia emerge da vida como uma modificação da vida. Ergue-se como busca de um questionamento radical, o mais amplo, o mais profundo e o mais originário possível. A religião, assim como a arte, aparece também desde o solo da vida como possibilidade prenhe de sentido ontológico.

A filosofia não pode ignorar a religiosidade e a religião. Em seu questionamento, vê-se interpelada a questionar a ordenação (para muitos, essencial) do homem ao sagrado, a Deus. E isso ela faz por muitas vias, quer tomando em consideração as investigações do estudo comparado das religiões, quer descrevendo fenomenologicamente o ato, a vivência ou a experiência religiosa, as formas fundamentais de culto, as atitudes fundamentais do homem religioso, as manifestações fundamentais do sagrado, etc. Muitas vezes este esforço humano toma o caminho de um questionamento a respeito da essência da religião e da interrogação crítica que pergunta se esta essência está manifesta ou antes encoberta nas religiões históricas. Não deixa mesmo de interrogar a respeito da possibilidade e da necessidade da revelação como consumação e, quiçá, superação de toda religião dita natural.

Em tempos modernos, o exercício filosófico torna-se decididamente reflexivo e o sujeito é tomado como ponto de partida. Com a re(con)dução de toda teologia a

---

• Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: maffernandes69@gmail.com; framarcosaurelio@hotmail.com.

\*\* Programa de Mestrado em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail: renatokirchner00@gmail.com.

antropologia e sociologia, a filosofia da religião se converte em crítica da religião. A religião é, então, confrontada com suas possibilidades e/ou impossibilidades de realização do sujeito do ponto de vista psíquico e social, e avaliada em termos de alienação e/ou libertação. A religião é confrontada e investigada no horizonte de suas condições histórico-sociais.

As contribuições que aqui são trazidas pelos artigos de vários autores que praticam a investigação filosófica da religião em diversas perspectivas oferecem muitos pontos de reflexão. Os autores dos artigos o fazem retomando o pensamento de vários pensadores de nossa época: Cassirer, Kierkegaard, Freud, Nietzsche, Troeltsch, Heidegger, Henry, Foucault, Agamben, etc. Seja como for, a vida é o plano de fundo de todas as contribuições. A partir da vida, respectivamente, do mundo da vida como mundo da cultura, a religião aparece, juntamente com o mito, como forma simbólica. A religião transita da expressividade inicial do mito, não conceptual, emocional, para uma expressividade próprio que já caminha na direção do *logos*. Várias contribuições tomam explicitamente a via da vida humana ou existência em sua faticidade. Aqui retomam-se os pensamentos de Søren Kierkegaard, de Martin Heidegger e de Michel Henry.

Garrido Maturano, Pavón, Gimenes de Paula, Catarina Dip, Kirchner e Martins retomam o pensamento de Kierkegaard. Gimenes de Paula expõe a interpretação de Kierkegaard no pensamento de Pareyson, precisamente, em *Studi sull'esistenzialismo* (1943). Já Catarina Dip, além de retomar o pensador dinamarquês, também põe em evidência a inesperada atualidade da análise freudiana da religião. Do ponto de vista temático, nestas várias contribuições, é posta em questão a relação entre absoluto e existência; analisa-se o conceito de tarefa; tematiza-se a teleologia interior da personalidade como fundamento ético-religioso da singularidade; ressalta-se o aspecto psicológico da religião evidenciando seu nexos com os desejos mais primitivos do homem; e expõe-se a religião colocada entre a crítica e a comunicação indireta.

A fenomenologia da religião recebe vários impulsos novos de questionamento a partir do pensamento de Heidegger. Santos, Kahlmeier-Mertens e Silva, Ramos e Fernandes procuram abrir caminhos de investigação do fenômeno da religiosidade e da religião retomando as contribuições de Heidegger. O volume 60 das obras completas desse pensador, *Fenomenologia da vida religiosa*, é trazido à discussão, no artigo de Santos, precisamente, detendo-se na confrontação crítico-fenomenológica de Heidegger com

Ernst Troeltsch. Nessa fenomenologia, o tema da “experiência fática da vida” é fundamental. Kahlmeyer-Mertens e Ribeiro da Silva elucidam este conceito de “experiência fática da vida” e ressaltam o seu caráter de significância. Ramos já parte do pensamento tardio do pensador e tematiza o fenômeno da “insistência” como o in-habitar na verdade que caracteriza a essência humana. Fernandes, partindo de uma interpretação transversal do seu pensamento, procura expor a experiência fática da vida como mística através de uma redução fenomenológica ao mistério.

O tema da fenomenologia da vida recebe uma entonação toda própria no pensamento de Michel Henry. Akira Goto e Queiroz e, depois, Grzibowski trazem contribuições a partir desta perspectiva. Os dois primeiros mostram como a fenomenologia da vida confrontada com o cristianismo faz emergir uma fenomenologia radical da religião, articulada em torno dos eixos de uma filosofia da carne e da encarnação e de uma filosofia do cristianismo, onde a figura de Cristo é tematizada a partir dos fenômenos originários de vida e verdade. Cristo é o arqui-Filho da Vida, o Vivente primordial. Grzibowski já expõe a fenomenologia da religião de Henry a partir da fenomenologia do nascimento. O autor mesmo elucidada o sentido desta colocação do problema: como o ser humano (ego) poderá retornar para o Si primordial se está envolvido com as coisas do mundo? Existem possibilidades para regressar à Vida originária? Para responder essas e demais questões, ou seja, para o ser humano retornar para o Si transcendental, precisará do segundo nascimento que foi desenvolvido pelo cristianismo, porém, é evidenciado na teoria da ética cristã como sendo a filosofia primeira.

Várias contribuições deste número trazem marcadamente uma preocupação prática, crítica, voltada para os desafios epocais e mesmo conjunturais, como aqueles que a atual situação pandêmica mundial lança ao pensamento filosófico que se debruça sobre o campo temático e problemático da convivência social hodierna. Um destes desafios é o da ciência e do ateísmo. Crippen problematiza o relacionamento entre ciência e religião face ao desafio do novo ateísmo e apresenta a proposta da “fé pragmática” como resposta às interpelações desta situação. Kirchner e Lima já se detêm na interrogação a respeito dos desafios da secularização na modernidade e chamam a atenção para o retorno do sagrado na pós-modernidade, problematizando como se dá este retorno em termos de pluralismo religioso. Mais do que morte de Deus, o que a modernidade trouxe foi um

eclipse de Deus. Outros são os desafios da vida prática nas dimensões éticas, econômicas, políticas, jurídicas, da convivência social. Teixeira tematiza a configuração da subjetividade neoliberal à luz da subjetivação cristã sob a ótica de Foucault. Barsalini e Ramiro, partindo da conjuntura pandêmica e das posições de Agamben (muitas vezes tomadas em termos de polêmica), retomam a problematização da situação política hodierna desde o horizonte moderno do estado de exceção, ressaltando a voz do pensador como uma “voz de suspeita” e de dissenso, que permitem uma meditação crítica acerca dos problemas do tempo atual e das possibilidades de uma vida política para além do estado de medo permanente. Por fim, Tamayo traz para a consideração o desafio representado pelo problema do vínculo entre filosofia e política, entre pensamento europeu e projeto colonial. As críticas que se levantam às filosofias de Kant, Hegel e Marx feitas na perspectiva deste desafio são legítimas? O artigo convida o leitor a exercer junto com o autor tal problematização.

Enfim, este número traz várias e importantes contribuições para se pensar a vida social contemporânea e a inserção da religião nas estruturas e nas conjunturas de nossa época e suas significâncias em termos práticos, mormente no tocante aos desafios trazidos pela ética, pela economia, pela política, pelo direito. Em todo o caso, a reflexão filosófica sobre a vida na religião e a religião na vida não se furta aos candentes problemas de nosso tempo que envolvem questões não só éticas, econômicas, políticas e jurídicas, em geral, mas entrecruzando-se com os desafios que envolvem a sexualidade, a convivência com a diferença e o diferente em termos raciais, étnicos, culturais, a saúde humana etc. Os desafios que convergem para o problema do poder e da violência e que envolvem a religião não são poucos. São problemas aos quais não pode furtar o esforço reflexivo da crítica filosófica da religião em nossos dias.

Seja como for, que o leitor encontre nestas contribuições de filosofia da religião o que dê a pensar e a pensar de uma maneira rigorosa, reflexiva e crítica. É o que esperamos ter oferecido com este número da Revista *Quadranti*.